

## APRESENTAÇÃO

*Michel Justamand*  
*Antonio Carlos Souza*

Há, nessa edição, uma constelação de ideias defrontando-se com micro e macrocontextos. O imaginário idílico regional, lembra-nos a escritora Ana Pizarro, agrega em sua representação o mito das Amazonas, o Eldorado e a onipresença do Maligno. Do discurso à práxis, da imaginação à realidade, estamos em uma região de 25 milhões de habitantes que necessitam do equilíbrio ambiental para a conservação de seu modo de vida. A maior rede hidrográfica do mundo vem sofrendo com a poluição, o desmatamento e a morte de espécies aquáticas. Não podemos esquecer o que a cobiça e a insensatez fizeram com o ambientalista Bruno Pereira e o jornalista inglês Dom Phillips.

Entre a imaginação e a razão, a realidade fantástica invade subitamente a alegoria do concreto pressionando os princípios mais básicos do pensamento racional. De fato, a ciência só tem validade diante daquilo que pode ser comprovado. E quanto mais quantitativo, melhor. Contudo, não necessariamente representam o que pode estar por trás da memória, pois a memória é seletiva. Nesse ínterim, *os mitos e ritos do povo Ticuna*, apresentados por Ana Lúcia Santos, Priscila Bourguignon e Artemis Soares, personificam o corpo esculpido através do ritual da moça nova. O pesquisador David Le Breton registra que “nas tradições populares, o corpo permanece sob a influência do universo que lhe dá energia”.

E desse universo, os saberes dos povos da floresta, apresentam-se, em *tecitura*, através do *bricoleur*, de Adson Silva, para nunca esquecermos que na Amazônia, o avanço do processo civilizador não tolheu os povos originários de cultivar seus saberes tradicionais; não os tornaram cativos do mundo objetivo unicamente. Desse processo criativo de metáforas e hipérboles, os símbolos compõem uma sinonímia de formulações alegóricas onde o introspectivo coabita o teatro dos sonhos, a fim de valorizar *a narrativa oral do povo Kokama da comunidade de Tauaru*. Esse importante registro, de Valdinei Carvalho e Maria Auxiliadora Pinto, para que as memórias culturais e tradicionais não se percam no tempo, preside em nós um imaginário impregnado de crenças e temores.

Na poesia e na vida os temas se repetem. Infiltrações podem destruir por dentro estruturas ideológicas que pareciam impenetráveis. O artigo *A malva como sucedânea da juta no Brasil: do êxito ao fracasso*, de Alfredo Homma e Aldenor Ferreira, destaca a decadência da juticultura na Amazônia, por conta do abandono das pesquisas ligadas à juta na região e da disponibilidade de sementes. Atrita-se o abstrato presente na cosmologia ribeirinha.

A história humana depara-se continuamente com problemas ecológicos. O estudo *da síndrome de Burnout e a resiliência docente na rede pública de Parintins*, provocada

pela covid-19, de Márcia Nascimento e Adson Silva, trazem-nos a reflexão de que a relação homem-natureza, no convívio direto, não tem sido harmônica por priorizar modelos de desenvolvimento fragmentados e inadequados.

Mudanças na forma de se pensar a saúde, possibilitando a introdução de novas práticas integrativas e complementares, são apresentadas por Joseli Beatriz Suzin, Ana Maria Campos Neta, Augusto Santomauro, Fernanda Campos e Juliane Burgatti em *Contribuições da reflexoterapia podal no cuidado à saúde*.

Pouco a pouco o universo de encantamento choca-se cada vez mais com a modernização. O imaginário se fragmenta. Os erros históricos projetam a sua sombra por muitas gerações. Quando Ana Paula Bastos, Antonio Carlos Souza e Artemis Soares escrevem sobre a questão relacionada ao *tráfico de pessoas*, os autores tentam demonstrar que, do global ao local, uma integração sustentavelmente harmônica esbarra naquilo que Freud denomina de “caráter irresistível dos impulsos perversos”. Lembramos os autores que essa prática abominável se faz presente na Amazônia. Casos de tráfico humano na tríplice fronteira, por exemplo, colocam o estado do Amazonas como o oitavo em número de ocorrências. Em primeiro lugar aparece São Paulo, com 311 casos.

O estudioso da cultura amazônica André Araújo sempre enfatizara que “o homem é fundamentalmente poliédrico, embora se apresente integral”. A busca dessa completude nos é lembrado por Marcos Braga no *resgate histórico alusivo ao período de formação intelectual e política de Aristófanes Castro*, escritor, advogado, jornalista e militante marxista amazonense, e sua contribuição nas lutas políticas e sociais nos anos iniciais da chamada República Democrática no Amazonas.

O mundo muda; destrói sociedades, cria outras. Calam vozes consideradas “diferentes”. Cláudio Saraiva e Rosemara Barros em *Ouvintes e surdos: uma relação estabelecidos e outsiders*, evocam as “vozes silenciadas” que clamam por educação, que almejam a garantia de direitos constitucionais. Das vozes das ruas às vozes dos rios, dos senhores dos rios, ainda haveria lugar para a sobrenaturalidade? No mundo dos senhores dos rios e das florestas, onde a alegria verdadeira é questionável, há um horizonte problemático sintetizado de complexidades. Adverte-nos o escritor Paul Claval que “o problema não é somente explicar por que a terra muda de acordo com os lugares. É compreender por que as pessoas associam aos mesmos lugares sentimentos, atitudes e humores diferentes”.

Estimados leitores, nós, organizadores dessa edição, desejamos que a constelação de ideias apresentadas lhes ofereça inúmeras reflexões!